

## POR UMA “ONTOLOGIA POÉTICA”: A INTERFACE “ARTE” E “POESIA” (*DICHTUNG*) EM MARTIN HEIDEGGER

*In view of a “poetic ontology”: the interface “art” and “poetry” (dichtung) in Martin  
Heidegger*

Danjone Regina Meira  
USP

**Resumo:** Esta pesquisa investiga a questão da arte segundo a ontologia de Heidegger. A compreensão da arte é apresentada em sua relação fundamental com o primado da “questão do Ser”. Se enfatiza que a compreensão da essência da arte se realiza a partir de um caminho “hermenêutico-fenomenológico” presente no pensamento de Heidegger. Há uma descrição fenomenológica da arte na filosofia de Heidegger, mesmo após a “viragem” (*Kehre*). Com isso, para se compreender a arte é necessário “voltar às coisas mesmas” e contemplar o “enigma da arte” em sua essência. A partir dos fundamentos da relação entre arte e “Poesia” (*Dichtung*), questionamos como esta relação contribui para a definição ontológica da arte. Nesse momento, ressaltaremos que o filósofo alemão compreende a “Poesia” (*Dichtung*) sob a perspectiva do “poeta dos poetas”: Hölderlin. Dando, então, um novo início para a compreensão do “enigma da arte”, quando afirma que a “arte é ‘Poesia’ (*Dichtung*)”. Nesse sentido, defendemos que a ontologia de Heidegger, após a viragem (*Kehre*) é, de modo inaugural, uma “ontologia poética”. E, é somente mediante uma perspectiva ontológica da “Poesia” (*Dichtung*) que se pode ver, de modo originário, o acontecimento da verdade na arte e a sua realização na obra de arte. Mostraremos, por fim, a relevância daquilo que denominamos “ontologia poética” em Heidegger na compreensão da arte sob uma nova perspectiva.

**Palavras-chave:** Heidegger, Arte, Poesia, Ontologia, História.

**Abstract:** This research investigates the question of art, according to Heidegger’s Ontology. In the first chapter, the concept of art is presented in its fundamental relation to the primacy of the question of “Being”. It is emphasized that the understanding of the essence of art takes place from a hermeneutic-phenomenological path present in Heidegger’s thought. There is a phenomenological description of art in Heidegger’s philosophy, even after the turning (*Kehre*). With this, to understand the art it is necessary to “return to the same things” and contemplate the “enigma of art” in its essence. From the foundations of the relationship between art and “Poetry” (*Dichtung*), we question how this relation contributes to the ontological definition of art. At this point, we will point out that the German philosopher understands “Poetry” (*Dichtung*) from the perspective of the “poet of the poets”: Hölderlin. Giving, then, a new beginning for the understanding of the “enigma of art”, when he states that “art is ‘Poetry’ (*Dichtung*)”. In this sense, we argue that the ontology of Heidegger, after the turning (*Kehre*) is, in an inaugural way, a “poetic ontology”. And it is only through an ontological perspective of “Poetry” (*Dichtung*) that one can

see, in an original way, the event of truth in art and its realization in the work of art. We will show, finally, the relevance of what we call “poetic ontology” in Heidegger in the understanding of art from a new perspective.

**Keywords:** Heidegger, Art, Poetry, Ontology, History.

## 1. Introdução

Heidegger demonstrou após “Ser e Tempo” (1927) uma preocupação com a relação da metafísica e a obra de arte, ao constatar que a “Estética” representaria uma metafísica da obra de arte, sendo considerada como um pensamento filosófico que se voltava para o “ser-objeto” da obra de arte e não para a sua essência fundamentalmente. Pois, a rigor o objeto da “Estética” não era a essência da obra de arte, mas a relação da obra de arte com o sujeito. O sujeito enquanto o artista criador e a obra de arte como objeto de criação artística e de contemplação. Ora, se é verdadeiro que a “Estética” se concretiza como metafísica da obra de arte, era necessário a superação da relação sujeito e objeto na compreensão da arte. Assim, no horizonte mais amplo da ontologia de Heidegger era necessário a superação da metafísica, e, nesse sentido, a superação da metafísica da obra de arte. A arte deveria, então, ser compreendida em sua essência por um fundamento único: o acontecimento da “verdade do Ser”.

Ora, a interpretação que motivou Heidegger para a “superação da metafísica da obra de arte” é a questão do “Ser” e da “linguagem”. Nesse sentido, a perspectiva de uma “ontologia da arte” é também uma perspectiva de uma “ontologia poética”. O que no poeta Hölderlin se coloca como reivindicação da unidade poética nos deuses resulta, todavia, em Heidegger numa “ontologia poética”, que considera a arte uma questão de essência. Uma questão fundamentalmente ontológica que percorre um caminho “hermenêutico-fenomenológico”<sup>1</sup> para perguntar pela arte em sua essência. Assim,

---

<sup>1</sup> Quando nos referimos ao caminho “hermenêutico-fenomenológico” de Heidegger, buscamos indicar que a própria forma de Heidegger perguntar pelos entes é fenomenológica, pois, ele pergunta pela essência do ente, pelas coisas mesmas. O caminho de Heidegger é também hermenêutico, visto que o pensador alemão recoloca a “questão do Ser” em busca de compreender a essência, dentro do âmbito da compreensão do ser presente no “Dasein” (ser-aí). Este caráter de compreensão do ser presente na

para Heidegger não se mostra suficiente reconhecer o caráter poético da poesia (*Poesie*), como um objeto da poética. É necessário analisar a arte de um modo geral, perguntar pela arte em sua totalidade e em sua essência. Desse modo, a arte precisa ser também fundamentada a partir da ontologia.

Verificamos na análise do escrito “A origem da obra de arte” (1935-1936) a ênfase no modo de acontecimento da “verdade do Ser” como arte. A investigação sobre a essência da arte segue o itinerário “hermenêutico-fenomenológico” da perspectiva da “ontologia poética” que caracteriza o acontecer da verdade na arte como um acontecer poético. Nesse sentido, a “verdade do Ser” acontece na arte como “Poesia” (*Dichtung*).

Por isso, o desenvolvimento desta pesquisa se concentra, nos seguintes pontos: destaca que a perspectiva ontológica da arte é uma perspectiva ontológica poética em Heidegger. Denominamos o segundo momento da ontologia de Heidegger, após a “virada” no seu pensamento de “ontologia poética”, especialmente, pela relação fundamental apresentada pelo filósofo, nesse momento de seus escritos, entre a questão do “Ser” e a “Poesia” (*Dichtung*). E, como, veremos ao longo deste tópico, o próprio filósofo ressalta no escrito “Introdução à metafísica” o surgimento de uma nova perspectiva ontológica, após “Ser e Tempo”, que se distancia da “ontologia fundamental” em aspectos substanciais. Outro aspecto que esta pesquisa irá destacar é a superação de uma perspectiva estética tradicional mediante a instauração de uma perspectiva ontológica poética da arte.

Nos propomos a investigar a essência da obra de arte enquanto “Poesia” (*Dichtung*), apresentada por Heidegger no escrito “A origem da obra de arte” (1935-1936). Utilizamos a tradução de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro, edição bilíngue, alemão e português, da editora “Edições 70”, publicada em 2010. A edição bilíngue foi importante para compararmos quando o filósofo emprega o termo alemão “*Dichtung*” (Poesia em sentido amplo) e quando emprega o termo “*Poesie*” (poesia em sentido restrito). Sobre o significado desses termos alemães, mencionaremos ao longo do texto.

---

existência, é em si mesmo hermenêutico. O “*Dasein*” enquanto “ser-no-mundo” está situado numa compreensão prévia do ser.

Dessa maneira, se faz necessário delimitar o que é a "Poesia" (*Dichtung*) para o filósofo, qual o significado etimológico deste termo e, também, a sua relação com o "ser-obra" da obra de arte. Destacando-se a consideração etimológica e hermenêutica do termo alemão dentro do horizonte do pensamento heideggeriano, é importante também compreender o momento decisivo na filosofia de Heidegger para o surgimento da relação entre a obra de arte e a "Poesia" (*Dichtung*). Tal momento decisivo constitui a sua proximidade com a obra e o pensamento do poeta Hölderlin.

## 2. Uma questão de essência

O escrito "A origem da obra de arte" (*Der Ursprung des Kunstwerks*), é resultado de conferências apresentadas em Friburgo em 1935 e em Zurique em 1936 e publicadas em 1950 ao se inaugurar "Holzwege" (Caminhos de floresta). Tal escrito emerge num cenário de "virada" (*Kehre*) hermenêutica que ocorre no pensamento heideggeriano a partir da década de 1930. A "virada" nos permite vislumbrar a interpretação ontológica poética no horizonte "hermenêutico-fenomenológico" da filosofia de Heidegger. Refletindo sobre o caminho "hermenêutico-fenomenológico" do filósofo, destacamos a descrição de Hans-Georg Gadamer sobre a "virada": "a inflexão do caminho que sobe uma montanha. Não se realiza aí uma meia-volta, mas é o caminho que se volta na direção oposta - a fim de levar a um lugar mais alto"<sup>2</sup>.

Em face disso, podemos afirmar que a "virada" na filosofia de Heidegger pode ser compreendida como um caráter de abertura hermenêutica no pensamento de Heidegger; abertura para a tarefa do pensamento. Entendemos que essa abertura hermenêutica irrompe da própria abertura da existência, nesse sentido, podemos observar no §34 de sua obra-prima "Ser e Tempo" (1927): "A comunicação das possibilidades existenciais da disposição [Befindlichkeit], isto é, a abertura da existência, pode ser o objetivo próprio do discurso 'poetizante' [dichtenden Rede]"<sup>3</sup>. Assim, a

<sup>2</sup> GADAMER, Hans-Georg. *Begegnungen mit Martin Heidegger*, *Franfurter Allgemeine Zeitung*, *Suppl. Littéraire*. 28 de Setembro de 1974. Apud. ALBENQUE, P. "Martin Heidegger in Memoriam". In: O que nos faz pensar. Nº 10, vol 1, outubro de 1996, p.25.

<sup>3</sup> HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p.123.

abertura da existência (*Dasein*) é uma abertura para as possibilidades de ser do “ser-aí” (*Dasein*) no tempo.

Com isso, vemos que Heidegger apresenta já em “Ser e Tempo”, de modo introdutório, a questão da relação entre a “abertura da existência” e o poético, quando enfatiza que a abertura da existência é demonstrada também no discurso “poetizante” do homem, podendo ser reconhecida como o fundamento próprio do discurso “poetizante”. A partir disso, podemos, então, destacar um primeiro aspecto do “poético” com base em “Ser e Tempo”: a abertura da existência (*Dasein*) é a abertura do homem na linguagem.

No entanto, é importante ressaltarmos que, é somente na década de 1930, logo após a publicação de “Ser e Tempo” (1927), que o filósofo evidencia a sua aproximação com o poético. Nessa perspectiva, o Heidegger a partir da “virada” é um filósofo que dimensiona a sua filosofia ou pensamento essencial para levantar a questão da arte, como questão fundamental dentro da perspectiva da “verdade do Ser”<sup>4</sup>. O autor se volta para meditar profundamente a relação da “arte”, “Poesia” (*Dichtung*) e “verdade” em sua experiência originária.

A partir da “virada”, o sentido hermenêutico heideggeriano assume novos questionamentos, mas sempre reconhece a “abertura do Ser” na história. Esta perspectiva está relacionada ao caminho hermenêutico apresentado na obra e pensamento de Heidegger. Mediante o “estar à caminho” do filósofo, toda e qualquer questão instaurada se abre para todos em todos os tempos, pois não está ligada à uma época determinada, mas ao destino historial do “Ser”.

Desse modo, a questão da arte instaurada pelo filósofo em “A origem da obra de arte” é uma questão fundamental para o pensamento essencial que é provocado pelo “Ser”. A pergunta pela origem da obra de arte é uma questão que se coloca em abertura hermenêutica, ou seja, se põe em marcha no caminho de pensar o próprio “Ser” em seu desvelamento (*alétheia*). Essa é a dimensão hermenêutica do pensamento de Heidegger. No entanto, cabe aqui perguntar: de que modo, o filósofo integra o problema da arte com o próprio problema do “Ser”?

---

<sup>4</sup> A expressão “sentido do Ser” após a “virada” é substituída por “verdade do Ser”.

O filósofo compreende que a arte se desvela na obra de arte. O desvelamento da arte na obra de arte também envolve a atividade do artista. A questão da essência da arte interpela o próprio homem que produz a obra de arte. Colocando também em aberto a “questão do Ser”. Mas, será necessário para se compreender a arte relacionar-se também à “questão do Ser”? Tendo isso em vista, é importante destacarmos que Heidegger se questiona sobre a verdade da obra de arte e analisa os seus modos de ser.

### **2.1. Arte: um modo de acontecer da “verdade do Ser”**

No pensamento de Heidegger, a questão da obra de arte se apresenta de modo inaugural na década de 1930, após a “virada” (*Kehre*), no ensaio “A origem da obra de arte” (1935-1936). Nesta obra, o filósofo inaugura a questão do enigma da obra de arte, tendo como base uma perspectiva ontológica. Nesse contexto, é importante mencionarmos que a “virada” constitui também o “passo-de-volta” do filósofo para a questão da linguagem em sua relação crucial com a “questão do Ser” (*Seinsfrage*). Outro ponto importante é que a “virada” também indica o irromper de uma nova perspectiva ontológica na filosofia de Heidegger.

Nesse sentido, na década de 1930, após a obra-prima “Ser e Tempo” (1927), o filósofo alemão não institui mais a sua ontologia como “ontologia fundamental”. Heidegger não se move mais na perspectiva de uma analítica existencial exposta em sua “ontologia fundamental”. Porque, para se instaurar a pergunta crucial pela “verdade do Ser” é importante uma volta para a essência da linguagem. Noutras palavras, para a linguagem poética. Em face disso, é importante destacarmos que a própria questão do esquecimento do “Ser” está relacionada ao modo de ser da linguagem instrumental presente também na “época da técnica”. Desse modo, é importante ressaltarmos que, fundamentalmente a partir da essência da linguagem, a saber, a “Poesia” (*Dichtung*), é que se pode instaurar essencialmente a questão da “verdade do Ser”.

As perguntas fundamentais da filosofia, segundo enfatiza Critchley, são levadas adiante na obra de Heidegger posterior a *Sein und Zeit* e levam ao abandono do título

“ontologia fundamental”, que corria o risco de ser metafisicamente incompreendida como uma ontologia fundacional.<sup>5</sup>

Importante percebermos aqui que após a obra-prima “Ser e Tempo”, especialmente, na conferência que faz surgir o escrito “A origem da obra de arte”, o filósofo inaugura a questão da “verdade do Ser” enquanto o acontecimento que também se desvela na obra de arte. Desse modo, Heidegger ao ver o “enigma da arte”, institui a obra de arte como um dos modos de acontecimento da “verdade do Ser”.

Tendo como ponto de partida, a relação entre “Ser” e “verdade” (*alétheia*) Heidegger pergunta pela origem da obra de arte. Numa importante conferência de 1930, intitulada “Sobre a essência da verdade” (*Vom Wesen der Wahrheit*), o filósofo destaca que a compreensão tradicional da essência da verdade, na tradição metafísica pós-grega, é apresentada no sentido de “concordância” entre aquilo que se diz e o que se está diante do homem.

Nessa perspectiva, é importante mencionarmos que a questão da “verdade” (*alétheia*) constitui um dos aspectos centrais da ontologia de Heidegger. Pois, a partir da pergunta pela “verdade do Ser”, o filósofo instaura a “diferença ontológica” entre o “Ser” e o “ente”, e inaugura, assim, o seu projeto de superação da metafísica mediante a consideração ontológica da “Poesia” (*Dichtung*). Este passo também inclui a própria superação da metafísica da obra de arte. Com isso, partindo da pergunta pela “verdade do Ser”, Heidegger pergunta pela essência da obra de arte e pela essência do próprio “ser-aí” (*Dasein*), com base em seu habitar no mundo. Nesse momento, enfatizamos que há a instauração de um “outro pensar” na ontologia de Heidegger. Acerca deste “outro pensar” veremos mais adiante. Importa, agora, analisarmos um pouco mais a relação da “questão do Ser” com o caminho hermenêutico de Heidegger.

A “questão do Ser” se caracteriza em Heidegger desde “Ser e Tempo”, onde se explicitam o método fenomenológico da hermenêutica de Heidegger com base na perspectiva transcendental. Sobre isso assinala o filósofo: “Toda a abertura de ser enquanto abertura do *transcendens* é conhecimento transcendental. *Verdade*

---

<sup>5</sup> CRITCHLEY, Simon; SCHÜRMAN, Reiner. *Sobre o Ser e Tempo de Heidegger*. Rio de Janeiro; RJ: Mauad X, 2016, p.104.

*fenomenológica* (abertura do ser) é *veritas transcendentalis*”<sup>6</sup>. No entanto, a questão da hermenêutica, a partir da “virada”, se demonstra numa crítica ao transcendental e na introdução da “história do Ser”<sup>7</sup>. O sentido hermenêutico heideggeriano assume novas configurações, mas sempre considera o caráter de desvelamento do “Ser” na história.

Ressaltamos, nesse contexto, que o caminho hermenêutico de Heidegger após a “virada”, se volta fundamentalmente para a “Poesia” (*Dichtung*) em toda a sua dimensão. Desse modo, a “virada” no pensar de Heidegger se destacou, especialmente, como o encontro com a “Poesia”. Em toda a sua obra, podemos verificar escritos de grande importância que apresentam a noção de “Poesia” na filosofia de Heidegger. Destacamos, por exemplo, a conferência de Roma “Hölderlin e a essência da poesia” (1936). Assim como, o escrito “Poeticamente o homem habita” (Ensaio e Conferências, 1950), que também faz parte destes escritos em diálogo com Hölderlin. Retornaremos para estes escritos mais adiante.

É necessário, nesse momento, entender que a maior parte dos textos de Heidegger, a partir de 1934, demonstra a proximidade com a poesia de Hölderlin. Heidegger anuncia em sua obra o seu diálogo com a singularidade da poesia de Hölderlin. Esse diálogo transforma radicalmente o pensamento de Heidegger, caracterizando também a “virada” no seu pensamento. Tal ênfase acerca da noção de “Poesia” em Heidegger com base nos seus escritos de Hölderlin, caracteriza um “outro pensar” na ontologia heideggeriana. Um pensar que se volta para a relação entre a “questão do Ser” e a “linguagem”. Um pensar meditativo que convoca todos para estarem a caminho do “Ser”.

Para entendermos melhor a dimensão do aspecto poético na ontologia de Heidegger, após a “virada”, lembremos da diferença entre os termos alemães “*Dichtung*” (Poesia) e “*Poesie*” (poesia) no horizonte da filosofia heideggeriana. O

---

<sup>6</sup> HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 38.

<sup>7</sup> A partir da década de 30, Heidegger começa a empregar a expressão “*Geschichte des Seins*” (história do Ser). Isto indica o desvelamento da verdade do “Ser” na história em seu modo originário. Heidegger não emprega o termo “*Historie*” para falar sobre o acontecimento da verdade do “Ser” na história, mas “*Geschichte*”, ambas as palavras significam “história”, no entanto, para Heidegger, “*Historie*” se refere ao passado, ao historiográfico e à objetificação da história em vistas ao presente, não ao futuro. Já “*Geschichte*” indica a história em toda a sua dimensão, o que inclui o futuro. Desse modo, é o termo apropriado para se referir ao acontecimento da verdade do “Ser”.



filósofo alemão distingue, no escrito “A origem da obra de arte”, “Dichtung”, enquanto “Poesia” no sentido amplo, se referindo ao caráter poético presente essencialmente em toda obra de arte. E, “Poesie”, como “poesia”, que se refere a arte literária particular, como, por exemplo, a “poesia” de Hölderlin.

Como vemos, o termo “Dichtung” (Poesia) apresenta grande relevância na perspectiva ontológica de Heidegger, após a “virada”. Especialmente, no escrito “A origem da obra de arte”, o filósofo alemão instaura a relação fundamental entre a “Poesia”, a “origem”, a “arte” e a “questão do Ser”. O poético está relacionado com a origem da obra de arte e da linguagem, e faz aparecer a “questão do Ser” de modo originário na história. Nessa perspectiva, afirma Heidegger: “toda a arte é, como o deixar-acontecer a adveniência da verdade do sendo como tal, em essência *poiesis*”<sup>8</sup>. Dessa maneira, toda arte é essencialmente poética. A criação da obra de arte tem como fundamento ontológico a “Poesia”.

Nesse sentido, a ontologia de Heidegger, após “Ser e Tempo”, pode ser denominada de “ontologia poética”. Pois, a partir da “Poesia” a “verdade do Ser” se desvela na arte e na história. Também é com base no poético que o habitar do homem acontece de modo essencial. Pensando sobre o sentido da ontologia, após a virada, Heidegger destaca o seguinte no escrito “A introdução à metafísica” (1935):

Investigamos a questão: o que há com o Ser? Qual é o sentido do Ser? Não para constituir uma ontologia de estilo tradicional nem tão pouco enumerar criticamente os erros das tentativas anteriores nesse sentido. É algo totalmente diverso. [...] A palavra “Ontologia” pode ser tomada também em “sentido amplíssimo” sem referência a correntes e tendências ontológicas. Nesse caso “ontologia” significa o esforço de traduzir em linguagem o Ser mas através da questão, o que há com o Ser (não apenas com o ente como tal).<sup>9</sup>

A partir disso, podemos considerar como uma “ontologia poética”, a perspectiva ontológica de Heidegger após “Ser e Tempo”, pois, pergunta pelo “Ser”

<sup>8</sup> HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010, p. 183.

<sup>9</sup> HEIDEGGER, Martin. *Introdução à metafísica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969, p.65.

através da essência poética da linguagem. Deve-se notar que, ao se admitir a relação entre arte e “Poesia” como acontecimento da verdade, podemos destacar a seguinte pergunta: que verdade se desvela na obra de arte? O que acontece na obra de arte é essencialmente a abertura do ente no seu ser, isto é, o acontecimento da verdade. Com isso, vemos que o pensamento de Heidegger apresenta uma relação fundamental com a “alétheia” (verdade). Pensando sobre a compreensão do termo “alétheia” na filosofia de Heidegger, vale ressaltarmos, as palavras do filósofo: “o que os gregos nomeiam com a palavra α-λήθεια ‘traduzimos’ usualmente com a palavra ‘verdade’. Se, no entanto, traduzirmos a palavra grega ‘literalmente’, então ela diz, propriamente, ‘desencobrimento’<sup>10</sup>.<sup>11</sup>

A noção de “alétheia” (verdade) surge de modo especial no escrito “A origem da obra de arte”, enfatizando a relação primordial entre a “coisa” e a “verdade”, assim como, a interface: “obra de arte” e “verdade”. A verdade constitui um enigma no horizonte do pensamento filosófico. Nesse sentido, a verdade da obra de arte constitui também um enigma. Permanece um enigma. Dessa maneira, em “A origem da obra de arte”, Heidegger afirma: “as reflexões precedentes dizem respeito ao enigma da arte, ao enigma que é a própria arte. Está longe a pretensão de resolver o enigma. Resta a tarefa de ver o enigma”<sup>12</sup>.

Em face disso, podemos destacar que o fundamento de todo o pensamento de Heidegger está relacionado com a questão ontológica da verdade. Por isso, em “Ser e Tempo”, podemos caracterizar também a relação fundamental entre “verdade” e “tempo”. Nessa perspectiva, também se enfatiza a interface entre “verdade” e “história”. Assim, a “verdade do Ser” somente acontece no horizonte da história do “ser-aí” (*Dasein*), o que significa que a “verdade do Ser” se desvela no modo originário da existência e do seu habitar poético.

---

<sup>10</sup> Optamos, ao longo do texto, por empregar a expressão: desvelamento quando nos referimos à verdade enquanto desencobrimento.

<sup>11</sup> HEIDEGGER, Martin. *Parmênides*. Tradução Sérgio Mário Wrublewski - Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista, 2008, p.26.

<sup>12</sup> HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010, p.201.

É importante ressaltarmos nesse momento, que em "Ser e Tempo", especialmente, se enfatiza que o "ser-aí" (*Dasein*) é histórico. O "ser-aí" (*Dasein*) se dá originariamente no tempo. Por isso, a "verdade" e a "não-verdade" do "Ser" se dá exclusivamente no horizonte histórico do "ser-aí" (*Dasein*), conforme se ressalta, posteriormente, no escrito "Parmênides"<sup>13</sup> de Heidegger, obra baseada nos cursos ministrados no semestre de inverno na universidade de Freiburg no período de 1942 e 1943. Nesse contexto, é importante mencionarmos que, para Heidegger,

Parmênides e Heráclito [...] são os nomes dos dois pensadores, contemporâneos nas décadas entre 540 e 460, que, numa co-pertença única no início do pensar ocidental, pensam o verdadeiro. Pensar o verdadeiro significa experimentar o verdadeiro na sua essência e, em tal experiência essencial, saber a verdade do verdadeiro<sup>14</sup>.

Heidegger considera que Anaximandro, Parmênides e Heráclito são, especialmente, pensadores originários. O primeiro pensador originário, para Heidegger, teria sido Anaximandro. Assim, são pensadores originários, Anaximandro, Parmênides e Heráclito, pois instauram na história da filosofia o pensar sobre o verdadeiro em sua essência. Deve-se notar que, é a partir da consideração da filosofia pré-socrática destes pensadores originários que Heidegger irá pensar a relação entre a "alétheia" e a obra de arte.

Segundo Heidegger, "pensar é a atenção para o essencial. Em tal atenção essencial reside o saber essencial"<sup>15</sup>. Dessa maneira, o filósofo procura pensar essencialmente a obra de arte, por isso, pergunta pela verdade da obra de arte em seu escrito "A origem da obra de arte". O que há de crucial neste saber essencial do pensar de Heidegger é o voltar para aquilo que o ente é no seu fundamento, ou seja, no seu ser. É, nesse sentido, que Heidegger emprega o termo alemão "Ursprung" em seu

<sup>13</sup> No escrito "Parmênides", Heidegger apresenta duas indicações acerca do problema hermenêutico da "alétheia". Neste escrito, o filósofo investiga o "poema doutrinário" "A deusa "Verdade" de Parmênides I, versos 22-32, queremos apenas indicar, neste momento da pesquisa, que Heidegger relaciona "verdade" e "essência" a partir de sua consideração, especialmente, do pensamento de Parmênides.

<sup>14</sup> HEIDEGGER, Martin. *Parmênides*. Tradução Sérgio Mário Wrublevski - Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista, 2008, p.13.

<sup>15</sup> HEIDEGGER, Martin. *Parmênides*. Tradução Sérgio Mário Wrublevski - Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista, 2008, p.16.

escrito “A origem da obra de arte”, que surge no sentido de “originário”. Nas palavras de Heidegger: “originário significa aqui aquilo a partir de onde e através do que algo é o que ele é e como ele é. A isto o que algo é, como ele é, chamamos sua essência”<sup>16</sup>.

Nessa perspectiva, Parmênides, enquanto um pensador originário, diz a sua palavra e, desse modo, funda um lugar para a verdade no interior de uma humanidade histórica. Parmênides é um pensador originário, porque pensa propriamente a origem, ou seja, o “Ser”, segundo Heidegger. Dessa maneira, com base no “poema doutrinário” de Parmênides intitulado “Acerca da natureza”<sup>17</sup>, dividido em duas partes: a doutrina da verdade (*alétheia*) e a doutrina da opinião (*doxa*), Heidegger busca enfatizar que a deusa “ $\alpha$ -λήθεια” indica que “a essência da verdade permanece na sua vigência em toda parte, por meio da palavra do pensador”<sup>18</sup>. O filósofo destaca, então, que para pensar a essência da verdade é necessário pensar a “não-verdade”.

Por isso, Heidegger pensa a “questão do Ser” considerando também o “esquecimento do Ser”; pensa também a linguagem em sua essência poética, considerando também o seu velamento, a saber: a linguagem instrumental presente também na “época da técnica”. Assim como, pensa a verdade do habitar do homem, destacando também o velamento do habitar em sua essência. Isso caracteriza o movimento do pensamento de Heidegger em “círculo”. O filósofo segue esta perspectiva hermenêutica de pensar fundamentalmente no horizonte da história da metafísica, a fim de recolocar a questão da verdade do “Ser” e da verdade do ser dos entes de modo fundamental. É nesse contexto que ele pensa sobre a verdade da obra de arte.

Sobre isso assinala Heidegger:

Assim precisamos percorrer efetiva e plenamente o círculo. [...] A posição vigorosa é trilhar este caminho e permanecer nele a festa do pensar, posto que o pensar é um ofício. Não somente o passo principal da obra para a arte

<sup>16</sup> HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010, p.35.

<sup>17</sup> Importa, nesse momento, apenas indicar o caráter de ambiguidade da essência da verdade, que se mostra como velamento e desvelamento.

<sup>18</sup> HEIDEGGER, Martin. Parmênides. Tradução Sérgio Mário Wrublevski - Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista, 2008, p.26.

---

assim como o passo da arte para a obra é círculo, mas cada passo isolado que tentamos dar circula neste círculo<sup>19</sup>.

Como vemos, Heidegger percorre um caminho “hermenêutico-fenomenológico” que se volta para a questão da verdade das coisas no horizonte da questão da verdade do “Ser”. Na compreensão de Heidegger, a verdade do “Ser” acontece no tempo. No tempo que se dá exclusivamente na existência. Desse modo, a pergunta pela essência da existência e de todas as coisas, segundo a filosofia de Heidegger, está relacionada à questão da “alétheia” (verdade).

A verdade é, portanto, assumida em “A origem da obra de arte” como o desvelamento do “ser-obra” ou essência da obra de arte. Tal desvelamento acontece na obra, mediante também a atividade do artista. Segundo Heidegger:

O artista é a origem da obra. A obra é a origem do artista. Nenhum é sem o outro [...] Artista e obra *são* em-si e em sua mútua referência através de um terceiro, que é o primeiro, ou seja, através daquilo a partir de onde artista e obra de arte têm seu nome, através da arte<sup>20</sup>.

Assim, a obra de arte acontece através da “Poesia”, pois, a “Poesia”, no sentido de poética, é compreendida por Heidegger como um produzir; uma ação. Compreendemos, então, que na obra de arte, a verdade do ente, a verdade da existência “põe-se” em obra. A arte é, então, “pôr-se-em-obra” da verdade. Segundo Heidegger: “a arte é, como o pôr-em-obra da verdade, *poiesis*”<sup>21</sup>. No escrito “A origem da obra de arte”, quando Heidegger menciona sobre a obra e a verdade, se enfatiza que há a abertura da obra para o acontecimento poético da “verdade do Ser”.

Heidegger busca enfatizar que nessa ação de abertura da obra, ela instaura o mundo. Assim, o filósofo compreende que a obra enquanto obra é na sua essência

---

<sup>19</sup> HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010, p.39.

<sup>20</sup> HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010, p.37.

<sup>21</sup> HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010, p.191.

produtora (poiesis)<sup>22</sup>. A realidade da obra determina-se a partir do que na obra está em obra, a partir do acontecer da verdade. Heidegger pensa este acontecimento poético da verdade como o travar do combate entre “mundo” e “terra”. A realidade mais autêntica da obra só vem à luz onde a obra está salvaguardada na verdade que, por meio dela mesma acontece. É por meio da salvaguarda que se permite o criar, ou seja, a criação da obra como efetivamente real. Dessa forma, segundo Heidegger: “a arte é então: a salvaguarda criadora da verdade na obra. A arte é, pois, um devir e um acontecer da verdade”<sup>23</sup>.

É importante retomarmos ao entendimento de que, Heidegger menciona a arte como um dos modos de acontecimento da verdade (*alétheia*)<sup>24</sup>. Diante disso, a obra de arte é uma produção que desvela a “verdade do Ser”, a verdade dos entes, e a verdade do “ser-aí” (*Dasein*) na história. Pois, sendo o “ser-aí” histórico, é somente no tempo que a “verdade do Ser” pode acontecer. Nesse sentido, como vimos, é mediante a “Poesia” que a obra de arte se manifesta como um dos modos de acontecimento da “verdade do Ser”.

A fim de entendermos melhor como se dá a verdade na obra de arte, nos aproximemos da obra de arte de Van Gogh “O par de sapatos”<sup>25</sup> (1886), conforme podemos ver na ilustração na presente página. A pintura de Van Gogh é enfatizada no escrito “A origem da obra de arte”. Heidegger enfatiza o desvelamento poético da verdade a partir da obra de Van Gogh. Afirma o filósofo acerca da constituição da pintura:

Constitui a abertura do que o apetrecho, o par de sapatos da camponesa, na verdade é. Este ente emerge no desvelamento do seu ser. Ao desvelamento do ente chamavam os gregos α-λήθεια. Nós dizemos verdade e pensamos

<sup>22</sup> “Dichtung” é compreendida no âmbito do termo grego “poiesis”, enquanto um produzir originário, ação.

<sup>23</sup> HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010, p.57.

<sup>24</sup> Heidegger se ocupa da essência da verdade. Ele pensa a verdade a partir da evocação da palavra dos gregos *alétheia*, que quer dizer desocultação (Unverborgenheit) do ente. (Cf. HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. In. *Caminhos de floresta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, p.40)

<sup>25</sup> Fonte da ilustração. Disponível em: <http://pensaacabeca.blogspot.com.br/2012/07/o-par-de-sapatos.html>. Acesso: julho de 2017.

bastante pouco com essa palavra. Na obra, se nela acontece uma abertura do ente, no que é e no modo como é, está em obra um acontecer de verdade.<sup>26</sup>



1. *O Par de Sapatos*, 1886, Vincent Van Gogh. (Óleo sobre tela).

O filósofo elege “o par de sapatos” da camponesa para exemplificar o acontecer poético da verdade na obra de arte, que se dá por meio do combate entre terra e mundo. A questão essencial é o acontecimento da verdade que se dá nas coisas no modo de ser poético. Os sapatos da camponesa abrem um mundo, a saber: o mundo da camponesa, e se fundam na terra, a fim de encontrar repouso. Nesse contexto, terra e mundo pertencem um ao outro. A terra se manifesta como terra nos sapatos, mediante, o mundo da camponesa, pois, os sapatos feitos de material da terra “co-pertencem” ao acontecimento da verdade do ente que ocorre no mundo.

Nessa perspectiva, é na essência da “Poesia” (*Dichtung*) que se realiza a essência da arte, sendo, portanto, a instauração da verdade como desvelamento poético do ente em seu ser. Isto é, o próprio ser é compreendido como abertura de um mundo. Desse modo, afirma o filósofo alemão: “na obra de arte, põe-se em obra a verdade do

<sup>26</sup> HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010, p.27.

ente. Pôr significa aqui erigir. Um ente, um par de sapatos de camponês, acede na obra ao estar na clareira do seu ser. O ser do ente acede à permanência do seu brilho”<sup>27</sup>. Dessa maneira, a essência da arte seria, então, o “pôr-se-em-obra” da verdade do ente.

Pensando sobre a relação entre “essência”, “verdade” e “Poesia”, é importante mencionarmos que a partir da “virada”, Heidegger se volta para a linguagem poética e criadora, como forma de destacar a abertura para pensar o “Ser”. Nesse contexto, na obra “A caminho da linguagem” (1959), uma das palavras centrais do escrito é o termo alemão “Wesen” (essência). Em face disso, podemos questionar: por que o filósofo instaura questões sob o prisma da essência? A filosofia, para Heidegger, tem como tarefa do pensamento essencial a orientação do homem para além de sua pura imediatidade e objetividade do pensar, a fim de se erigir uma dimensão crítica, que retorna ao fundamento das coisas, que coloca as perguntas em aberto e as interpela sob a perspectiva da essência. Essa é a postura do filósofo que permite o “estar à caminho” em busca pela “verdade do Ser”.

Em “A caminho da linguagem” questiona-se Heidegger: “Qual a essência da linguagem?” Para Heidegger é a própria linguagem. A essência (*Wesen*), segundo Heidegger, se apresenta no sentido de vigorar, como vigor essencial da linguagem. A linguagem vigora no poético em toda a sua dimensão. Nesse sentido, a linguagem poética vigora na obra de arte. Já que, como vimos, a essência da arte é poética. Sobre isso assinala Heidegger em “A origem da obra de arte”:

A própria linguagem é *poiesis* em sentido essencial. Mas porque a linguagem é aquele acontecimento no qual, a cada vez, o sendo como sendo se abre pela primeira vez para o ser humano, por isso é a poesia, a *poiesis* em sentido mais restrito, a mais originária *poiesis* em sentido essencial. A linguagem não é por isso *poiesis*, ou seja, porque é a poesia primordial, mas a poesia apropria-se na linguagem, porque esta conserva a essência originária da *poiesis*. [...] a arquitetura e a escultura acontecem sempre já e sempre somente no aberto do narrar inaugurante e do nomear. Elas são regidas e conduzidas pelo aberto. Por isso ficam sendo caminhos e modos próprios de como a verdade se encaminha para a obra. Elas são sempre um dos modos próprios do

<sup>27</sup> HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010, p.27.



---

*poietizar* dentro da clareira do sendo, que já despercebidamente aconteceu na linguagem<sup>28</sup>.

Reconhecemos, a partir disso, a relação fundamental entre “arte”, “linguagem” e “Poesia” (*Dichtung*) no pensamento de Heidegger. É especialmente, na essência da linguagem que surge o dito poético. Conforme Heidegger afirma em “A caminho da linguagem”: “no dito, a fala se consoma, mas não acaba. No dito, a fala se resguarda”<sup>29</sup>. É no dito poético ou palavra poética que a linguagem se mostra em sua essência, em seu vigorar como ação poética.

Compreendemos, assim, que a importância da fala e do dito em Heidegger pode vir a repercutir na compreensão da essência da linguagem artística, por exemplo. Conforme Heidegger: “no dito, a fala recolhe e reúne tanto os modos em que ela perdura como o que pela fala perdura – seu perdurar, seu vigorar, sua essência”<sup>30</sup>. Então, no dito poético há o modo de ser em que a linguagem essencialmente acontece, isto é, a linguagem poética. Nesse contexto, é importante ressaltarmos que a importância do dito poético em Heidegger se refere também à escuta do apelo do “Ser” para que se more na linguagem.

Nessa perspectiva, afirma Heidegger:

Se devemos buscar a fala da linguagem no que se diz, faríamos bem em encontrar um dito que se diz genuinamente e não um dito qualquer, escolhido de qualquer modo. O que é dizer genuinamente? Dizer genuinamente é dizer de tal maneira que a plenitude do dizer, própria ao dito, é por sua vez inaugural. E o que se diz genuinamente? O que se diz genuinamente é o poema. A grandeza de uma obra consiste, na verdade, em que o poema pode negar a pessoa e o nome do poeta<sup>31</sup>.

É a linguagem enquanto “poiesis” que traz o ente como um ente para o aberto. Nesse contexto, é importante atentarmos também para o que Heidegger diz em “A

---

<sup>28</sup> HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010, p.189, 191.

<sup>29</sup> HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010, pp. 11-12.

<sup>30</sup> HEIDEGGER, Martin. A caminho da linguagem. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003, p.12.

<sup>31</sup> HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003, p.13.

origem da obra de arte”: “onde nenhuma linguagem se faz presente como no ser da pedra, da planta e do animal, também aí não existe nenhuma abertura do sendo e, por consequência, também nenhuma abertura do não-sendo e do vazio”<sup>32</sup>. Dessa maneira, na linguagem (*poiesis*), os entes, inclusive, a obra de arte, são trazidos para a abertura. Como vimos, a “virada” em Heidegger se destacou, então, como o encontro com a linguagem poética e a compreensão da abertura dos entes através do poético.

## 2.2. “Arte”, “Poesia” e “Existência”

No contexto filosófico de Heidegger, irrompe o escrito “Hölderlin e a essência da poesia” (*Hölderlin und das Wesen der Dichtung*)<sup>33</sup>, pronunciado em Roma, no ano de 1936, como um passo decisivo para inaugurar também a questão “Filosofia e Poesia” no pensamento de Heidegger. O diálogo entre a Filosofia e a Poesia alcança em Heidegger, após “Ser e Tempo”, o *status* de uma preocupação fundamental. Nesse sentido, em toda a obra de Heidegger, podemos verificar escritos de grande importância que apresentam a noção de “Poesia”<sup>34</sup> (*Dichtung*) a partir de Hölderlin. Como exemplo, há “Erläuterungen zu Holderlins Dichtung” (Interpretações da poesia de Hölderlin, 1944), que reúnem outros escritos sobre a poesia de Hölderlin, além de “Hölderlin e a essência da poesia”.

Segundo Heidegger, “o poeta dos poetas, o poeta da Poesia é, dito com nome próprio, Hölderlin”<sup>35</sup>. Com essas palavras vemos a proeminência que possui Hölderlin na filosofia de Heidegger, após a “virada” no seu pensamento. O marco para o estabelecimento do diálogo entre “Filosofia” e “Poesia” em sua proveniência originária

---

<sup>32</sup> HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010, p.187.

<sup>33</sup> “Hölderlin e a essência da poesia”. O trabalho “Hölderlin y la esencia de la Poesia” (“Hölderlin und das Wesen der Dichtung”) foi lido pela primeira vez em Roma, em 2 de abril de 1936, por seu autor; publicado na revista “Das innere Reich” no mesmo ano de 1936. Numa edição separada apareceu em 1937. Em 1944, Heidegger reuniu este trabalho com outro: “Andenken an den Dichter”, sob o título geral de “Erläuterungen zur Hölderlins Dichtung” (Esclarecimentos sobre a poesia de Hölderlin), que reúnem quatro textos sobre a temática exclusiva de Hölderlin, elaborados no período de 1936 (a conferência de Roma “Hölderlin e a essência da poesia”) a 1944 (“Retorno”).

<sup>34</sup> Heidegger desenvolve o projeto de superação da metafísica a partir da noção de “Poesia” (*Dichtung*).

<sup>35</sup> HEIDEGGER, Martin. *Hölderlin y la esencia de la poesía*; edición, traducción, comentarios y prólogo de Juan David García Bacca. - Barcelona: Anthropos, 1994, p.10.

é a proximidade do filósofo alemão com o poeta Hölderlin. Eleito como “o poeta dos poetas”, Hölderlin representa no interior da filosofia de Heidegger um novo início. Este novo início é caracterizado pela elaboração de uma nova perspectiva da “linguagem”. A linguagem enquanto “*Dichtung*” (Poesia).

É importante atentar, nesse horizonte hermenêutico das obras tardias<sup>36</sup> de Heidegger, para a importância de Hölderlin como interlocutor de Heidegger. O filósofo começa a interpretar as obras de Hölderlin a partir dos anos 30, no entanto, desde o seu período de juventude, o “poeta dos poetas” já fora um marco fundamental na formação de Heidegger, lhe inspirando a formação de um pensar essencial em direção à poesia. Essa proximidade com a dimensão textual de Hölderlin veio a se demonstrar em seus escritos tardios, destacando-se, também nessa perspectiva, o ensaio “A origem da obra de arte”.

O poético se mostra na iminência da escuta do apelo do “Ser”, que é o apelo da linguagem, e convida o pensar para essa meditação essencial. O que seria esse apelo da linguagem? O acontecer da verdade. Trata-se de um pensamento essencial que se coloca em abertura dentro do prisma da “história do Ser”. A “história do Ser” abrange também a história da metafísica e a sua marca fundamental que é o “esquecimento do Ser”.

Nesse contexto, há a possibilidade de uma abertura poética daquilo que permanece velado na história do Ocidente: “o Ser em sua verdade”. Em face disso, um pensar mais radical do “Ser” é um pensar poético, que abre o pensamento para o seu diálogo fecundo com a “Poesia” (*Dichtung*), com vistas ao levantamento e compreensão da questão da “verdade do Ser”.

Podemos, então, afirmar que o diálogo entre o poético e o pensamento é o estabelecimento do salto do filósofo para a “questão do Ser”, seja no seu velamento ou no seu desvelamento. Heidegger já constataria o “esquecimento do Ser” na história da metafísica, era necessário um salto para o meditar acerca daquilo que está “oculto”: a

---

<sup>36</sup> Após “Ser e Tempo” se caracteriza como o momento de maturidade dos escritos de Heidegger. Quando o seu projeto de “Ser e Tempo” alcança novas perspectivas através da reflexão da essência da linguagem.

"verdade do Ser". Como o filósofo poderia fazer este salto? Pela "Poesia" (*Dichtung*). A questão da essência da "Poesia" (*Dichtung*) é decisiva nesse questionamento do "Ser".

A vinculação entre a arte e a "Poesia", como fundamento para compreender a questão da arte em Heidegger, revela-se como caminho hermenêutico. A questão da "Poesia" (*Dichtung*) na filosofia heideggeriana se destaca no plano da recepção da perspectiva romântica do poeta Hölderlin. A "Poesia" (*Dichtung*) em Heidegger se apresenta como determinação da essência da arte e da linguagem. Hölderlin, enquanto "poeta dos poetas", não é somente o poeta eleito que instaura o poético de modo fundamental na poesia romântica. Mas, o poeta que instaura ontologicamente o poético na poesia (*Poesie*). Por meio da poesia de Hölderlin se verifica a instauração da tarefa de meditar a proximidade entre o poético e a existência.

O exame da poesia de Hölderlin e da essência poética na "poesia" (*Poesie*) manifesta a unidade presente entre "Poesia" (*Dichtung*), "arte" e "poesia" (*Poesie*). "Dichtung" como o universal no tempo e "Poesie" como uma das artes que apresenta o poético. "Dichtung" como o universal na história, se demonstra enquanto a essência universal da arte. Toda e qualquer arte é essencialmente poética. No entanto, exclusivamente a "Poesie", destacada na poesia do "poeta dos poetas", é a arte privilegiada que manifesta o poético. Com isso, em Heidegger, o problema da linguagem instrumental e a sua relação com a técnica na época moderna, seria superado, mediante a consideração da linguagem em sua essência poética.

É importante ressaltarmos que "Dichtung" revela na história essencialmente a "questão do Ser". É através, especialmente, do poético que a linguagem se manifesta como a "morada do Ser". A partir, da "virada" no pensamento de Heidegger, destaca-se que o problema da "questão do Ser" não ter sido colocado devidamente pela metafísica tradicional, é, fundamentalmente, um problema de linguagem. A abordagem sobre a relação da "questão do Ser" com a questão da linguagem, ainda estaria relacionada a outros fundamentos ontológicos.

Nessa perspectiva, é importante considerar a análise da relação entre "Dichtung" e ação. Na essência da linguagem, o poético se manifesta como criação poética. Por meio do qual a essência da palavra alcança eminência destacando-se assim,

de modo especial, a própria essência do homem na história. Em todas as artes o poético se manifesta como criação poética, no entanto, é somente na arte da “poesia” (*Poesie*) que, essencialmente, ele manifesta o poético por excelência. A palavra poética que se desvela na poesia, remete também ao caráter ontológico da existência como “ser-para-a-palavra”, ou “ser-para-o-diálogo”, devido o primado da linguagem que se destaca na palavra, conforme veremos mais adiante.

O filósofo situa a “Poesia” (*Dichtung*) no horizonte mais amplo, como essência da arte. De acordo com Heidegger “toda a arte, enquanto fazer acontecer o advento da verdade, é, na sua essência, poesia”<sup>37</sup>. Conforme Heidegger, mediante a sua obra e pensamento, Hölderlin desvela a essência da “Poesia” (*Dichtung*), apresentando dois aspectos fundamentais: o horizonte histórico-temporal e a sua dimensão ontológica. Nesse contexto, segundo Hölderlin, “Ser” significa beleza. Ele também busca a essência da beleza, sob uma perspectiva ontológica. Para o poeta, a identidade na diferença ontológica entre ente e ser constitui a essência da beleza. Desse modo, afirma Heidegger: “[...] o ser somente é ser porque é em si mesmo identidade e diferença; a tarefa da filosofia é questionar o ser nesta dimensão, porque dela brota sua própria possibilidade”<sup>38</sup>.

Tendo isso em vista, dentre as questões do pensamento a questão da “verdade do Ser”, irrompe neste momento do encontro de Heidegger com Hölderlin, sob um pensar radical. A partir de “Poeticamente o homem habita”, Heidegger instaura a questão fundamental sobre o poético e a existência: “o que diz, no entanto, Hölderlin sobre o habitar poético do homem?”<sup>39</sup>. Nesse sentido, o habitar poeticamente do homem é um modo de ser do “Dasein” (ser-aí) que se manifesta no acontecer da “verdade do Ser”, ou seja, no desvelamento da “alétheia” (verdade). Podemos

---

<sup>37</sup> HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010, p. 30.

<sup>38</sup> HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999, pp. 25-26.

<sup>39</sup> HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. - 8. ed. - Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012, p.171.

---

juntamente com o filósofo Heidegger, perguntar: como se dá o acontecer da verdade? Qual a relação do acontecer da verdade com a “Poesia” (Dichtung)?

A partir disso, se faz necessário destacar algumas considerações interpretativas de dois termos: “alétheia” (verdade) e “Dichtung” (Poesia), apresentados no texto “A origem da obra de arte” que consideramos diretamente relacionados ao ensaio “Poeticamente o homem habita”. Estes dois termos: “alétheia” e “Dichtung” são expressões significativas no horizonte interpretativo da arte em Heidegger.

Hans-Georg Gadamer no ensaio “A verdade da obra de arte”, em seu escrito “Os caminhos de Heidegger”, considera Heidegger um gênio revolucionário que coloca em marcha uma força originária do filosofar. Destaca que o filósofo do “Ser”, em seu novo projeto filosófico se põe a caminho sob o lema fenomenológico de “voltar às coisas mesmas”. Nessa perspectiva, o escrito “A Origem da obra de arte” representou no cenário da obra heideggeriana um marco importante, pois, incluíra a arte no enfoque hermenêutico fundamental da compreensão de si mesmo do ser humano em sua historicidade e uma nova tarefa do pensamento: a essência da arte. Estaria Heidegger procurando compreender a “questão do Ser” a partir da pergunta fundamental da essência poética da arte?

Ao buscar compreender a essência da arte, o filósofo apresenta um caráter relevante do “ser-obra” da arte: o combate entre mundo e terra. Retomamos, nesse momento, à questão do combate entre mundo e terra presente no acontecer da verdade na obra de arte, a fim de, pensarmos um pouco mais esta questão, agora, no contexto do diálogo com Hölderlin. Nesse sentido, é importante destacarmos que o sentido de mundo em “A origem da obra de arte” é diferente de “Ser e Tempo”, de acordo com Gadamer:

O conceito de mundo havia sido, certamente, desde sempre um dos conceitos condutores de Heidegger. O mundo como o conjunto de referência do projeto da existência constituía o horizonte que precedia a todos os projetos do cuidar humano da existência. Heidegger mesmo esboçou a história deste conceito de mundo, e especialmente seu sentido antropológico, no Novo

---

Testamento, tal como ele mesmo o empregou, é bem diferente do conceito da totalidade do que está a vista e historicamente legitimado<sup>40</sup>.

O conceito de mundo se desenvolvia agora em seu combate com a terra. Este combate só pode ser compreendido à luz do encontro de Heidegger com a poesia de Hölderlin. A partir desta relação do pensamento heideggeriano com o poético inaugura na obra do filósofo o conceito de terra. Esse projeto de Heidegger anuncia um verdadeiro abrir-se poeticamente na sua obra. O abrir-se do próprio "ser-no-mundo" para a terra. Segundo Gadamer, "a importante profundidade de análise que se inaugura no ensaio de Heidegger sobre a origem da obra de arte é que 'terra' é uma determinação ontológica necessária da obra de arte"<sup>41</sup>.

Isto consiste na abertura do "ser-obra" da obra de arte para a relação em confronto do mundo e terra. Nesse sentido, a obra de arte pertence ao seu mundo original que é posto e aberto pelo "ser-obra" da obra. Constitui-se, desse modo, a estrutura ontológica da obra, que é independente, livre da subjetividade do artista e do seu destinatário. A terra é apresentada, nesse contexto, enquanto o abrigo dentro de si da obra de arte, o seu resguardar. É importante compreender que o seu "ser-obra" se encontra em velamento e em desvelamento do "Ser". Ao mesmo tempo, que se abre também resguarda o seu "ser-obra", isto pode ser denominado da seguinte forma: uma autêntica presença.

Segundo Heidegger: "o ser-obra da obra reside na efetividade do combate entre 'mundo' e Terra, onde se dá o acontecer da verdade em obra". A terra é aquilo que, por essência, se fecha e se resguarda. Conforme descreve Gadamer, "aquilo que assim surge e se oculta constitui, em sua tensão, a configuração da obra de arte"<sup>42</sup>.

Nesse primeiro momento, constatamos a relevância da concepção "terra" para o escrito "A origem da obra de arte", como diferença ontológica do "mundo", delineando-se entre ambos uma confrontação que é um combate. O combate entre

---

<sup>40</sup> GADAMER, Hans-Georg. *Los caminos de Heidegger*. Trad. Angela Ackermann Pilári. Barcelona: Herder, 2002, p.98.

<sup>41</sup> GADAMER, Hans-Georg. *Los caminos de Heidegger*. Trad. Angela Ackermann Pilári. Barcelona: Herder, 2002, p.99.

<sup>42</sup> GADAMER, Hans-Georg. *Los caminos de Heidegger*. Trad. Angela Ackermann Pilári. Barcelona: Herder, 2002, p.104.

mundo e terra é o que propicia o acontecer da verdade na obra. Deste combate se manifesta o "ser-obra" e o acontecer da verdade. É importante mencionarmos que o surgimento da idéia de terra na filosofia de Heidegger, se dá durante a década de 1930, relacionado à uma característica fundamental da direção do pensamento de Heidegger nessa nova fase: o velamento ou "não-verdade". O velamento, após a virada, para o filósofo, é constitutivo da própria essência da verdade. Nesse sentido, a terra é o irromper de um velamento originário em meio a estrutura ontológica do mundo.

Nos aproximando da poesia de Hölderlin, "cheio de méritos, mas poeticamente habita o homem sobre esta terra"<sup>43</sup>, pensamos sobre o sentido do termo "terra", sendo meditado profundamente na conferência de 1951 "Poeticamente o homem habita". Desse modo, o mundo funda-se na terra. Esse acontecer da verdade na obra de arte, a partir do combate e co-pertença de mundo e terra, caracteriza o desvelamento poético da "verdade do Ser".

Como mencionamos, a questão da essência da arte está relacionada à questão da "verdade do Ser". Sobre isso analisa Gadamer:

Ao remeter-se a obra de arte como que surge uma verdade, Heidegger pretende demonstrar justamente que tem sentido falar de um acontecer da verdade. Por isso, o ensaio de Heidegger não se limita a dar uma descrição adequada do ser da obra de arte. Sua aspiração filosófica central é mais bem apoiar-se nesta análise para compreender o ser mesmo como um acontecer da verdade<sup>44</sup>.

Constitui a verdadeira pretensão do Heidegger tardio compreender a essência da "verdade do Ser". Nessa perspectiva, é importante destacar que com a obra de arte irrompe algo novo na existência. Inaugura um acontecer fundamental da "verdade do Ser". Isto somente é possível, pelo fato de que o desvelamento e o velamento do "Ser" são propriamente o acontecer do "Ser" mesmo na história. Dessa maneira, a tarefa do pensamento somente a partir da "abertura do Ser" erige a "história do Ser" em sua abertura, em sua vigência essencial. Isto é o que Heidegger nomeia como o

<sup>43</sup> Este fragmento foi citado por Heidegger na preleção sobre os hinos Germânia e O Reno, no inverno de 1934/1935.

<sup>44</sup> GADAMER, Hans-Georg. *Los caminos de Heidegger*. Trad. Angela Ackermann Pilári. Barcelona: Herder, 2002, p.104.



"acontecimento apropriador" (*Ereignis*) em que o próprio "Ser" se sustenta. O "acontecimento apropriador" é onde irrompe o desvelamento da verdade, isto é, o desvelamento do "Ser" quando se entreabre ao seu vigor essencial.

Como mencionamos anteriormente, Heidegger anuncia que a essência da arte é a "Poesia" (*Dichtung*). Nesse sentido, verifica Gadamer a extensão do termo "Dichtung" (Poesia):

Em toda arte, também na arquitetura e a escultura, o autêntico projeto e o verdadeiramente artístico se poderia chamar 'poesia', o tipo de projeto que acontece no poema propriamente dito é de outra índole.<sup>45</sup>

O pensar essencial de Heidegger compreende toda a arte como "Poesia" (*Dichtung*) e manifesta a obra de arte no horizonte da essência poética da linguagem. A obra de arte como "Poesia" é um instaurar do mundo, ou seja, é um construir poético. Desse modo, a "Poesia" se destaca como o instaurar do mundo, no dizer de "A origem da obra de arte" e como um construir do habitar do homem, segundo o ensaio "Poeticamente o homem habita". Em ambos os textos a "Poesia" se mostra como construção. Nesse sentido, a palavra fundamental analisada sob um viés fenomenológico em Heidegger no ensaio "Poeticamente o homem habita" é o habitar.

A "Poesia" se dá na "clareira do Ser" e determina o "Dasein" (ser-aí) em sua essência poética. Determina o "Dasein" como um "ser-para-a-palavra" ou um ser de linguagem. Nisso, enquanto um ser de ação poética, o "Dasein" acontece historicamente num habitar. Mediante a "Poesia" se funda o habitar poético do "Dasein". E somente pela "Poesia" que se pode conhecer a essência do habitar humano. Segundo Heidegger, a "Poesia" traz na história do "Ser" a essência do habitar. "Faz acontecer o habitar em seu vigor essencial"<sup>46</sup>. A "Poesia" confere sentido ao habitar. Assim, em "Poeticamente o homem habita", Heidegger inaugura a "Poesia" enquanto um "deixar-habitar" em sentido originário.

---

<sup>45</sup> GADAMER, Hans-Georg. *Los caminos de Heidegger*. Trad. Angela Ackermann Pilári. Barcelona: Herder, 2002, p.108.

<sup>46</sup> HEIDEGGER, Martin. *Poeticamente o homem habita*. In: *Ensaio e Conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. - 8. ed. - Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012, p.167.

Heidegger caracteriza a "Poesia" como o "deixar-habitar", ressaltando o seu caráter originário de ação (produzir) que se concretiza no habitar poético. Nesse sentido, afirma Heidegger "entendida como deixar-habitar, poesia é um construir"<sup>47</sup>. E esse construir acontece num espaço e tempo essencial na unidade da quadratura, como vimos.

Segundo o filósofo:

Desse modo, vemo-nos agora diante de uma dupla imposição: de um lado, cabe pensar, a partir da essência do habitar, o que se designa por existência humana; de outro, cabe pensar a essência da poesia, no sentido de um deixar-habitar, como o construir por excelência<sup>48</sup>.

Dessa maneira, a "existência" (*Dasein*) acontece poeticamente. Tal afirmação enfatiza que em todos os tempos o habitar do homem é poético. Nesse sentido, o significado do habitar poético se apresenta em relação fundamental com o tempo e a história. Esse acontecer poético se dá essencialmente e tão somente na história universal, em cada tempo particular, no tempo de cada existência. Sendo vivenciado no tempo de cada homem.

No entanto, na era da técnica irrompe a questão do significado do habitar. Qual seria a relação entre o habitar e o poético na era da técnica? Heidegger destaca que há uma crise habitacional, por essa razão, o habitar da era da técnica não se desvela poeticamente. Heidegger constata que o habitar, no cenário do niilismo, está sufocado pela crise habitacional. Pergunta o filósofo: "Não será o habitar incompatível com o poético?"<sup>49</sup>. O esquecimento do "Ser" seria, nesse momento, o esquecimento do próprio habitar poético. Há, assim, o esquecimento da "morada do Ser", pois, o "Ser" se apresenta, essencialmente, no modo de ser do habitar poético.

A questão do habitar é apresentada a partir da poesia de Hölderlin. Hölderlin inaugura em sua poesia reflexões importantes, que Heidegger traz para a sua ontologia

---

<sup>47</sup> *Idem*

<sup>48</sup> *Idem*

<sup>49</sup> HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. - 8. ed. - Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012, p.165.

poética. Tais como, a questão do habitar, existência e poesia. Para Heidegger, a poesia de Hölderlin sobre o habitar, enfatiza o traço fundamental da presença humana. A existência acontece poeticamente; a existência se dá num fazer. Uma das formas de compreender a “Dichtung” (Poesia) e a “Sprache” (Linguagem) é o olhar para o habitar humano.

A instauração da “Poesia” como habitar poético, é o fazer, no sentido grego. Conforme Heidegger, “fazer se diz em grego com a palavra ‘poiesis’[...]”<sup>50</sup>. Nesse sentido, Heidegger apresenta como tarefa do pensamento a relação do poético com o habitar. Mas, qual será o “lugar” do vigor essencial para esse pensamento? Conforme Heidegger: “Nessa suposição, coloca-se para nós a tarefa de pensar o habitar e a poesia a partir de seu vigor essencial. Se não recusarmos essa imposição, poderemos então pensar, a partir do habitar, isso que se costuma chamar de existência humana”<sup>51</sup>.

O filósofo procura pensar, a partir da fundação do habitar poeticamente do homem, a própria existência. O modo de ser do “Dasein” (ser-aí) é pensado poeticamente. É a partir de Hölderlin que o filósofo apresenta a questão do habitar poeticamente do homem. De acordo com Heidegger: “quando Hölderlin fala do habitar, ele vislumbra o traço fundamental da presença humana. Ele vê o ‘poético’ a partir da relação com esse habitar, compreendido nesse modo vigoroso e essencial”<sup>52</sup>.

O habitar é o traço fundamental da presença humana, é a marca da existência em seu vigor essencial. Este termo apresenta uma multiplicidade de ações, o habitar é um termo abrangente, que engloba a ação humana de erigir moradia, de nomear um lugar como seu espaço privilegiado de “ser-no-mundo”, de instaurar a presença humana. Nesse sentido, no habitar poético o homem estabelece o seu “ser-no-mundo”,

---

<sup>50</sup> HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. - 8. ed. - Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012, p.166.

<sup>51</sup> HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. - 8. ed. - Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012, p.166.

<sup>52</sup> HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. - 8. ed. - Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012, p.167.

se faz presente em meio a natureza, as coisas, o céu, a terra, os deuses e os mortais. Ele invoca a sua existência autêntica e provoca o apelo do "Ser" para a verdade.

Para o homem apresentar a existência autêntica ele, primeiramente, deve corresponder a linguagem. Da mesma forma, para que o homem possa habitar poeticamente ele precisa corresponder ao apelo da linguagem. Ao ouvir o apelo da linguagem com propriedade, e corresponder à esta provocação, o homem pensa poeticamente, se coloca em abertura, à caminho da "verdade do Ser".

Esse é o vigor essencial da "Poesia": a existência. Nesse sentido, o habitar é um modo de construir diferente do da perspectiva técnico-científica. É um construir constante na compenetração de um sentido. O sentido de reunir céu e terra, deuses e mortais, e, também o pensar e poetar. O poético não é o abandono da terra em detrimento do céu, não é o abandono do pensamento em face da "Poesia", não é o abandono dos deuses em face dos mortais. O poético é o desvelamento da verdade. Como desvelamento da verdade, ele não se desenvolve sob uma perspectiva dualista, de sujeito-objeto, de utilidade e instrumentalização das coisas e da natureza à serviço do sujeito. Ao contrário, a "Poesia" (*Dichtung*) é a reunião da dimensão da existência do homem na palavra poética.

### 3. Conclusão

Como vimos, esta pesquisa enfatizou que a partir das interpretações de Heidegger da poesia de Hölderlin, o filósofo abrangeu novas concepções no horizonte do seu pensamento, no que concerne às suas obras tardias, ou seja, após a publicação de sua obra-prima "Ser e Tempo" (1927). Trazendo para a conferência "A origem da obra de arte" (1935-1936) o conceito de "terra", sob a inspiração de seu diálogo com a poesia de Hölderlin, onde a partir do combate entre "terra" e "mundo" há o acontecer da verdade na obra de arte. Assim, a presença do termo "terra" vem aparecer novamente em "Poeticamente o homem habita", escrito de "Ensaio e Conferências".

Por isso, destacamos a questão sobre a aparição do conceito "terra", como substancial para a compreensão da "verdade do Ser" que acontece também na obra de arte. Heidegger traz a "Poesia" (*Dichtung*) novamente na questão do pensamento, após

a "A origem da obra de arte", por exemplo, em "Poeticamente o homem habita", sob à luz de um diálogo com o horizonte poético de Hölderlin. Isto vem clarificar a compreensão do que é a essência da arte enquanto "Poesia" (*Dichtung*). Consideramos, portanto que a afirmação de que essência da arte é "Poesia" (*Dichtung*) constitui em Heidegger um outro momento ontológico, a saber: uma perspectiva ontológica poética em seu pensamento.

### Referências bibliográficas

CRITCHLEY, Simon; SCHÜRMAN, Reiner. *Sobre o Ser e Tempo de Heidegger*. Rio de Janeiro; RJ: Mauad X, 2016.

GADAMER, Hans-Georg. Begegnungen mit Martin Heidegger, *Franfurter Allgemeine Zeitung*, Suppl. Littéraire. 28 de Setembro de 1974. Apud. ALBENQUE, P. "Martin Heidegger in Memoriam". In: *O que nos faz pensar*. Nº 10, vol 1, outubro de 1996, p.25.

GADAMER, Hans-Georg. *Los caminos de Heidegger*. Trad. Angela Ackermann Pilári. Barcelona: Herder, 2002.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010.

HEIDEGGER, Martin. *Introdução à metafísica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

HEIDEGGER, Martin. *Parmênides*. Tradução Sérgio Mário Wrublewski - Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista, 2008.

HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. In. *Caminhos de floresta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003.

HEIDEGGER, Martin. *Hölderlin y la esencia de la poesía*; edición, traducción, comentarios y prólogo de Juan David García Bacca. - Barcelona: Anthropos, 1994.

HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.

---

Doutoranda em Filosofia (USP)  
E-mail: [danjonemeira@hotmail.com](mailto:danjonemeira@hotmail.com)